

A CONTRIBUIÇÃO DA MITOLOGIA PARA A COMPREENSÃO DOS LIMITES DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E O COMBATE À POBREZA

THE CONTRIBUTION OF THE MYTHOLOGY TO THE COMPREHENSION OF THE LIMITS OF THE HUMAN DEVELOPMENT AND THE FIGHT AGAINST THE POVERTY

Jaidette Farias Klug¹

SUMÁRIO: Introdução; 1 Quando o excesso compromete a falta de ordem no limite; 2 Crítica ao Modelo de Desenvolvimento vigente; 3 A imperiosa necessidade do limite; Considerações Finais; Referencias das Fontes Citadas.

RESUMO

O presente artigo se propõe a analisar a contribuição do conhecimento mitológico para a compreensão dos limites do desenvolvimento humano e o combate à pobreza. A principal justificativa do estudo é a evidência de que o homem precisa retornar à história da sua consciência mitológica para tentar compreender o que “deu errado” nessa busca desenfreada pelo saber e pelo transformar a natureza. A metodologia adotada está baseada no método dedutivo, onde através de premissas gerais de elementos da mitologia grega, chega-se a constatações particulares. A pesquisa de natureza qualitativa está operacionalizada com a técnica da pesquisa bibliográfica. Inicialmente se discute a questão do limite da exploração dos recursos naturais, partindo-se para a crítica do modelo de desenvolvimento vigente e por último evidenciando a imperiosa necessidade de limite. Chegou-se com este estudo à conclusão de que o retorno às raízes das primeiras civilizações pode ser uma forma de um (re)conhecimento coletivo e a busca da possibilidade de, neste retorno, pisar em um território conhecido, onde “ainda existam os antídotos para o mal”. Cabe resaltar que o presente artigo não dá conta de abordar a complexidade e a riqueza do conhecimento mitológico, mas atinge seu objetivo de provocar reflexão e, porque não dizer, a

¹ Professora de Metodologia da Pesquisa do Curso de Direito da Univille. Analista Técnico em Controle Ambiental da FATMA. Aluna do Programa de Doutorado em Psicologia da Educação da PUC/SP

sensibilização para os problemas ambientais da contemporaneidade, principalmente a pobreza. Por fim recomenda-se a continuidade deste tipo de estudo pela contribuição para que o homem se conheça, amadureça seu compromisso social e quiçá, encontre o remédio para a restauração das suas raízes mais profundas.

PALAVRAS-CHAVE: mitologia; limite; pobreza.

ABSTRACT

This article intends to analyze the contribution of the mythology for the comprehension of the human development and the fight against the poverty. The main goal of this study is the evidence that the mankind needs to return to the history from his mythological conscience to try to comprehend what "gone wrong" in this unbridled chase for the knowledge and to change the nature. The mythology adopted is based on the deductive method, in which through general premises from the Greek mythology, leads us to particular findings. The source of the qualitative nature is with the technical bibliographic source. As a first step, it discusses the question of the limit of the exploration from the natural resources, that leads us to the critics of the actual development model and, for last, evidencing the major need of limits. With this article we can conclude that the return to the roots of the first civilizations can be the way to a public recognition or knowledge and the pursuit of a possibility to, in this return, step into a known territory, where "it still exists antidotes for the evil". It should be noted that this article can't approach the complexity and the richness of the mythological knowledge, but it can get to its aim, that is causing reflection and, why not to say, the awareness to the environmental problems from the contemporaneity, mainly the poverty. Lastly, it is recommendable the continuity from this study by the contribution towards the man gets to know himself, matures his social commitment and, maybe, find the cure to the restoration of his most deep roots.

KEYWORDS: Mythology; limit; poverty.

INTRODUÇÃO

A crença no desenvolvimento contínuo e sem limites tem balizado as ações do homem contemporâneo, que segue seu rumo deixando para trás a história, a cultura e as vivências de seus antecessores. Atualmente, parece não haver espaço para o mito, pelo contrário, a modernidade o eliminou definitivamente, provocando uma insegurança coletiva.

No presente artigo busca-se discutir o papel do mito na modernidade e sua contribuição para a compreensão dos fenômenos psicológicos relacionados ao desequilíbrio ambiental, a partir de um questionamento central: Quem apagou os relatos históricos e mitológicos que mostram o quanto o excesso de desejo pode virar tragédia?

A psicologia da vida real, contrariamente a cientificidade, exprime em metáforas o que em si, não pode ser explicado. As várias lendas, como a Ícaro descreve o princípio que pune o excesso. Nesse sentido este trabalho inicia discutindo a questão do limite da exploração dos recursos naturais, partindo-se para a crítica do modelo de desenvolvimento vigente e por último evidenciando a imperiosa necessidade de estabelecer limites para a ânsia humana.

Para analisar a contribuição do pensamento mítico na compreensão dos problemas ambientais atuais é necessário, efetuar um regate histórico e fazer o link com a contemporaneidade. Discute-se também o mito de que o desenvolvimento científico e tecnológico resolverá todos os problemas da humanidade e por fim ratifica-se a necessidade de se estabelecer limites à ação humana.

1 QUANDO O EXCESSO COMPROMETE A FALTA DE ORDEM NO LIMITE

Havia uma frase inscrita próximo ao Oráculo de Delfos, o centro religioso da Grécia que dizia *Meden ágan* "nada em excesso". Esta inscrição parece fora de contexto, considerando-se que os atenienses, enriquecidos possuíam um certo grau de refinamento. Entretanto, o olhar dos atenienses volta-se para os espartanos, simples no seu modo de ser. No século V Péricles faz a seguinte declaração:

Amamos o belo, mas com frugalidade, e dedicamo-nos à sabedoria, mas sem fraquezas; usamos a riqueza para empreendimentos ativos, sem ostentações inúteis; para ninguém a pobreza é vergonhosa, mas é vergonhoso não fazer nada para evitá-la.²

² ZOJA, Luigi. **História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano**. São Paulo: Axis Mundi, 2000, p.14

Ao lançar o olhar sobre a mitologia, percebe-se o quanto as estórias lendárias se repetem: o mito de Midas manifestou-se quando o homem transformou as lavouras em ouro, exportando alimentos, contribuindo para matar a fome da população. Na realidade a descoberta da produção de alimentos e as várias técnicas modernas utilizadas, não deixam dúvidas de que a tecnologia cumpriu seu propósito. O problema é a distribuição desses alimentos, uma vez que milhares de pessoas no mundo inteiro ainda são reféns da fome e da miséria. Reflexo do mito, pode-se produzir alimentos, mas não de consegue matar a fome.

Cristovam Buarque em sua obra a desordem do progresso descreve esta relação da contemporaneidade com a mitologia:

O cientista moderno é um Prometeu, que rouba constantemente os segredos dos deuses e os domina pondo-os a serviço do homem. Mas como uma criança que não sabe administrar o que descobre. O mesmo está explicitado na mitologia com a figura de Pandora [...]. Os cientistas modernos fazem da ciência, como dos brinquedos, o fim em si, usando o fogo roubado para o bem ou para o mal, desde que satisfazendo sua curiosidade.³

Com a modernidade, dentro do atual sistema de produção, "o processo de evolução tecnológica passa a criar externalidades negativas, deseconomias"⁴. Segundo o autor isso ocorre porque a , a produção acontece independentemente das necessidades reais. Em outras palavras, a sociedade tem sido levada a cada vez mais, consumir novos bens, que resultam de novas tecnologias, mesmo com a internalização de custos sociais e ambientais.

Nos dias atuais observa-se a redefinição da questão socioambiental. Entre muitas instituições tem crescido a conscientização de que além da geração de empregos, produtos e renda, faz-se necessário compartilhar com a sociedade os resultados do processo produtivo, uma vez que a transformação acaba gerando a degradação do meio ambiente, provocando danos a todos. O compartilhamento com a sociedade do resultado, inclusive financeiro, do processo produtivo pode contribuir significativamente para evitar a pobreza e a miséria.

³ BUARQUE, Cristovam. *A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.100

⁴ BUARQUE, Cristovam. *A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.100

Diminuir a pobreza e a opressão em que vivem muitos povos, eis o grande desafio da contemporaneidade. Uma das grandes promessas da desenvolvimento científico é assim descrita por Touraine:

O projeto de modernidade se baseia na afirmativa de que o homem é o que faz e que, portanto deve existir uma correspondência cada vez mais eficaz pela ciência, a tecnologia ou a administração, a organização da sociedade, regulada pela lei e pela vida pessoal, animada pelo interesse, mas também pela vontade de se liberar-se de todas as opressões. Sobre o que repousa essa correspondência de uma cultura científica, de uma sociedade ordenada e de indivíduos livres senão sobre o triunfo da razão [...]

É a razão que anima a ciência e suas aplicações; é ela também que comanda a adaptação da vida social às necessidades individuais ou coletivas; finalmente, que substitui a arbitrariedade e a violência pelo estado de direito e pelo mercado. A humanidade, agindo segundo suas leis, avança simultaneamente em direção à abundância, à liberdade e à felicidade [...]⁵

Esta posição tem sido questionada e refutada por vários críticos da atualidade. Dentre eles Marilena Chauí deixa claro em sua obra que a história da humanidade evidencia que as sociedades foram e assim continuam divididas em classes sociais: de um lado, um segmento minoritário, porém dominante; de outro, uma parte majoritária, dominada. Para Chauí a ideologia "é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política".⁶

Outro trabalho que se opõe a concepção de que a modernidade trará igualdade, abundância, liberdade e felicidade é a obra de Santos onde encontramos a seguinte afirmação:

No que respeita a promessa de igualdade, os países capitalistas avançados, com 21% população mundial, controlam 78% da produção mundial de bens e serviços e

⁵ TOURRAINE. *A crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.9

⁶ CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. Coleção primeiros passos, nº.13. 4ª Reimpressão. 2ª Edição Revista e Ampliada. Tatuapé/SP: Brasiliense, 2004.

consomem 75% de toda energia produzida. Os trabalhadores do Terceiro Mundo do setor têxtil ou eletrônico ganham 20 vezes menos que os trabalhadores da Europa e da América do Norte na realização da mesma tarefa e com a mesma produtividade.

No que respeita a promessa de liberdade, as violações de direitos humanos em países vivendo formalmente em paz e democracia assumem proporções avassaladoras. Quinze milhões de crianças trabalham em regime de cativeiro na Índia: a violência policial e prisional atinge o paroxismo no Brasil e na Venezuela, enquanto os incidentes raciais na Inglaterra aumentaram 276% entre 1989 e 1996; a violência sexual contra as mulheres, a prostituição infantil, os meninos de rua, a discriminação contra os tóxicos dependentes, contra portadores de HIV, são apenas algumas manifestações da diáspora da liberdade.

No que respeita a promessa de paz perpétua [...] enquanto no século XVIII morreram 4,4 milhões de pessoas em 68 guerras, no nosso século morreram 99 milhões em 237 guerras [...]

A promessa de dominação da natureza foi cumprida de modo perverso sob a forma de destruição da natureza e de crise ecológica. Apenas dois exemplos: nos últimos 50 anos o mundo perdeu cerca de um terço de sua cobertura florestal [...] As empresas multinacionais detêm hoje direitos de abate de árvores em 12 milhões de hectares de floresta amazônica. A desertificação e a falta de água são problemas que mais irão afetar os países do terceiro Mundo na próxima década. Um quinto da humanidade não tem acesso a água potável.⁷

Com tais dados e constatações, Santos (2000) levanta a questão dos excessos da modernidade. Além disso, ressalta a necessidade de se avaliar o tipo de ciência e o tipo de direito desenvolvidos a partir do século XIX.

A ideia da neutralidade da ciência e da tecnologia tem sido a mais uma forma de encobrir as contradições geradas no interior da sociedade, pois os interesses sociais, políticos e

⁷ SANTOS, BS. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez. 2000.

KLUG, Jaidette Farias. A contribuição da mitologia para a compreensão dos limites do desenvolvimento humano e o combate à pobreza. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.7, n.3, 3º quadrimestre de 2012. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

econômicos as subordinam. A produção de técnicas práticas e instrumentos científico-tecnológicos, assim como todo o processo de conhecimento, estão carregados de ideologia.⁸

Um dos fundamentos dessa ideologia é a visão otimista com relação a capacidade infinita de inovação tecnológica, que possibilita uma dinâmica permanente e sem limites do processo de transformação da natureza em bens e serviços. Outro fundamento está relacionado à avidez consumista que o capitalismo conseguiu disseminar na humanidade e que se resulta na busca acelerada, por novos e mais modernos produtos.⁹

2 CRÍTICA AO MODELO DE DESENVOLVIMENTO VIGENTE

Os dados disponíveis nos organismos oficiais ONU, UNESCO, OCDE, e suas instituições, revelam que o modelo de desenvolvimento atual, tem provocado grandes distorções na vida da humanidade.

Em estudo publicado por Luzzi destaca o Relatório sobre Desenvolvimento Humano 2001 do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD), onde se verifica que dos 4,6 bilhões de habitantes dos países em desenvolvimento:

986 milhões de pessoas não tem acesso a água tratada;

2,4 milhões de pessoas não tem acesso ao saneamento básico;

34 milhões de pessoas vivem com AIDS;

2,2 milhões de pessoas morrem anualmente por contaminação do ar;

854 milhões de adultos são analfabetos;

⁸ TOLZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. *Educação ambiental: natureza, razão e história*. Campinas: São Paulo. Autores Associados, 2004 (Coleção educação contemporânea), p.33

⁹ BUARQUE, Cristovam. *A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990,

325 milhões de crianças se encontram fora da escola nos níveis primário e secundário;

1,2 bilhão de pessoas vivem com menos de um dólar diário;

163 milhões de crianças menores de cinco anos de idade tem peso insuficiente;

149 milhões de crianças nos países em desenvolvimento padecem de desnutrição;

Onze milhões de crianças menores de cinco anos morrem anualmente por causas previstas, trinta mil a cada dia.¹⁰

A partir dessa realidade constata-se que há algo errado com o modelo de desenvolvimento vigente. Existe uma emergência social que não pode mais ser ignorada. Se os relatórios estão apresentando tantos dados alarmantes a respeito da situação de pobreza que impera no mundo, porque a inércia permanece? Para Buarque

O impacto sobre o meio ambiente é uma consequência direta de cada estrutura sócio econômica específica. Cada pequeno efeito de cada setor se repete em uma malha complexa de sub-setores e seus respectivos efeitos, compondo a rede da articulação sócio-econômica e seu impacto sobre o meio ambiente. Dessa malha de articulações devem participar: padrões de consumo, estrutura urbana, valores culturais, níveis de inovação técnica, etc.¹¹

O enfrentamento da problemática da pobreza só pode ser realizado com investimentos, mudanças e planejamentos. É necessário fazer um esforço coletivo, não sendo possível, sua superação com ações fragmentadas. "Os conflitos e problemas da cotidianidade remetem a soluções conflitivas que se sobrepõem às soluções reais, quando estas são ou parecem impossíveis. Assim os problemas e a procura de uma solução transpõem o limiar do imaginário."¹²

¹⁰ LUZZI, Daniel. Educação Ambiental: Pedagogia, Política e Sociedade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONE, Maria Cecília Focesi (editores). *Educação ambiental e sustentabilidade*. Barueri, São Paulo: Manole, 2005, p.383

¹¹ BUARQUE, Cristovam. *A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, p.126

¹² LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Editora Ática, 1991, p.98

KLUG, Jaidette Farias. A contribuição da mitologia para a compreensão dos limites do desenvolvimento humano e o combate à pobreza. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.7, n.3, 3º quadrimestre de 2012. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

É preciso apostar em um novo modelo de desenvolvimento, integrado, justo, equitativo, equilibrado. A utopia é necessária para fomentar esta possibilidade.

O modelo de desenvolvimento atual já mostrou o quanto é perverso e defeituoso.

Há um trecho da obra de Capra que exemplifica esta perversidade:

O impacto da instabilidade climática e da destruição do ozônio na atmosfera recai principalmente sobre os países do Hemisfério Sul, onde a maioria das regiões depende da agricultura e onde pequenas mudanças climáticas podem destruir totalmente os meios de vida da população rural. Além disso muitas empresas multinacionais usam as regras de livre comércio para deslocar para o Hemisfério Sul suas indústrias poluentes e a destruição ambiental. O efeito disso tudo é que os recursos vão dos pobres para os ricos enquanto a poluição vai dos ricos para os pobres.¹³

A desigualdade mundial aumentou durante os dois últimos séculos. A concentração da riqueza revela uma civilização que perdeu a noção da decência.

De acordo com o UNICEF (2001), o mundo se caracteriza por uma grande pobreza em um contexto de abundância. Para cada 10 crianças nascidas atualmente em países em desenvolvimento, quatro vivem em condições de extrema pobreza.

Existe uma relação muito próxima entre pobreza e degradação ambiental. Para Luzzi,

a degradação de recursos do passado aprofunda a pobreza de hoje, enquanto a pobreza da atualidade dificulta muito a resolução de problemas de base, tais como a proteção da biodiversidade, os recursos agrícolas, do desflorestamento, da prevenção à desertificação, de luta contra a erosão e reposição dos nutrientes do solo, entre outros. Os pobres se veem obrigados a esgotar os recursos naturais para sobreviver, empobrecendo-se mais ainda.

Não há como negar: a pobreza é um dos principais obstáculos que se precisa enfrentar para atingir o desenvolvimento sustentável.

¹³ CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005, p.158

3 A IMPERIOSA NECESSIDADE DO LIMITE

Para Zoja “é necessário fazer as pazes com tudo aquilo que, dentro de nós foi ferido pela modernidade”.¹⁴ Será possível? Um dos caminhos é o resgate da noção de limite. O retorno às raízes das primeiras civilizações pode ser uma forma de um (re)conhecimento coletivo e a busca da possibilidade de, neste retorno, pisar em um território conhecido, onde “ainda existam os antídotos para o mal”¹⁵ e da possibilidade da busca de uma terapia da civilização.

Os povos primitivos possuíam uma certa resistência às alterações dos ritmos ligados ao ambiente e às estações. Demonstravam desconfiança das novas técnicas. Este fato pode ser ilustrado com a ocupação pelos europeus de territórios dos nativos da América do Norte. Boardmann citado por Zoja destaca:

Pedes-me para trabalhar a terra? Poderia eu acaso pegar uma faca e enfiá-la no peito de minha mãe? Se o fizesse, quando eu morresse ela não me acolheria mais em seu seio. Queres que eu cave e escave as pedras? Poderia eu acaso escavar a carne de minha mãe até os ossos? Então eu não poderia mais reentrar em seu corpo para renascer numa nova vida. Queres que eu corte a grama e o feno para vendê-los a fim de enriquecer como fazem os brancos? Acaso poderia eu cortar os cabelos de minha mãe?¹⁶

Na antiguidade clássica, onde a figura do mito permanece, a questão do limite pode ser simbolizada na figura de *Ícaro*:

Dédalo era um artesão e inventor que vive com o filho Ícaro na corte do rei Minos. Após descobrir algumas invenções condenáveis efetuadas por Dédalo, o rei decide aprisioná-lo

¹⁴ ZOJA, Luigi. *História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano*. São Paulo: Axis Mundi, 2000, p.5

¹⁵ ZOJA, Luigi. *História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano*. São Paulo: Axis Mundi, 2000, p. 17.

¹⁶ ZOJA, Luigi. *História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano*. São Paulo: Axis Mundi, 2000, p.29.

juntamente com seu filho em um Labirinto criado pelo próprio Dédalo. Este então constrói dois pares de asas. Um par para si e outro para Ícaro, a quem recomenda: "Voa ao meu lado. Não desças muito baixo junto ao mar, porque os respingos poderiam molhar as penas e torná-las perigosamente pesadas. Nem te eleves muito alto, aproximando-te do Sol, porque seu calor derreterá a cera que mantém as penas unidas". Embriagado pela alegria do voo, Ícaro logo esquece as advertências paternas: voa cada vez mais alto até que, fatalmente, se precipita.¹⁷

Essa história relaciona a ruptura do limite ao uso excessivo de uma técnica e de uma habilidade conquistada. Traz à tona a máxima de que longe do limite o castigo torna-se irrefreável.

Conforme PNUMA, as últimas décadas tem reunido crises de natureza diversa: crises climáticas, energética, de biodiversidade, alimentos, água e até mesmo crise no sistema financeiro e econômico. A síntese publicada pelo PNUMA continua descrevendo que a fome e a crise alimentar parece não ser ainda o centro de atenção, sendo tratada apenas como consequência do aumento populacional. Entretanto é sabido que tal crise tem raízes muito mais profundas e estão intimamente relacionadas ao padrão de desenvolvimento adotado, a concentração da renda e a ausência de oportunidades a todos.¹⁸

Outra constatação do documento do PNUMA é a de que o modelo de desenvolvimento adotado incentivou um rápido acúmulo de capital financeiro e físico, às custas do esgotamento excessivo e degradação do capital natural, que inclui as reservas de recursos naturais e ecossistemas. As políticas existentes e os incentivos de mercado contribuíram para o problema de uso inadequado de capital, pois eles permitem que as empresas acumulem externalidades ambientais e sociais importantes.

Esta síntese do PNUMA destaca a máxima de que "os mercados livres não tem como função resolver os problemas sociais" deixando a encargo do poder público a adoção de políticas públicas que resolvam a questão.¹⁹

¹⁷ ZOJA, Luigi. *História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano*. São Paulo: Axis Mundi, 2000, p.17

¹⁸ PNUMA. *Rumo a economia verde: caminhos para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza*. PNUMA, 2011.

¹⁹ PNUMA. *Rumo a economia verde: caminhos para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza*. PNUMA, 2011

KLUG, Jaidette Farias. A contribuição da mitologia para a compreensão dos limites do desenvolvimento humano e o combate à pobreza. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.7, n.3, 3º quadrimestre de 2012. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

Já é hora de repensar esta máxima. A legislação ambiental brasileira, estabelece a importância de se detectar e mitigar e/ou compensar os impactos resultantes do processo produtivo. Segundo a Resolução CONAMA 001/86²⁰ as empresas com potencial poluidor devem efetuar estudos de Impacto Ambiental – EIA e respectivo Relatório de Impacto Ambiental – RIMA para que sejam conhecidas todas as implicações da atividade nos meios físico, biótico e socioeconômico.

Apesar dos avanços da legislação ambiental brasileira, considera-se tarefa difícil incorporar, de forma eficiente, o problema do meio ambiente na análise econômica, por exemplo, principalmente devido ao paradigma do consumo como meta central do processo civilizatório. Para Buarque

Qualquer medida que vise a proteção ambiental tem efeitos negativos sobre o consumo. A consideração de um valor da natureza, a cobrança de impostos pela poluição, a imposição de investimentos em filtros antipoluentes, medidas adicionais de proteção contra riscos de vazamento nuclear, reposição de florestas, qualquer medida implica custos adicionais de produção e um sacrifício em termos de consumo da presente geração, impondo uma escolha entre consumo e proteção ambiental.²¹

Neste início do século XXI, o grande desafio é minimizar a tensão socioambiental causada pelo atual modelo de desenvolvimento:

Luzzi sintetiza as três dimensões deste desafio:

Consumo – No final do milênio, a sociedade industrial moderna não somente consome recursos renováveis a uma velocidade maior do que requer o planeta para sua reposição natural, mas, além disso gera desperdícios em nível superior do que precisa para a sua natural reciclagem.

Degradação Ambiental: A civilização em seu conjunto, criou tecnologias capazes de manufaturar produtos não degradáveis e tóxicos para o meio ambiente. Centenas de milhões de quilos dessas substâncias são produzidas

²⁰ BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução n.001, de 23 de janeiro de 1986. *Estabelece as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente.*

²¹ BUARQUE, Cristovam. *A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

anualmente sem ser assimiladas por nenhum organismo vivo. Somente podem se acumular e com isso contaminar a terra, as águas, o ar, e, portanto, a cadeia de alimentos: flora, fauna e seres humanos. Esse ecossistema demorou milhões de anos para se formar e a civilização industrial o agrediu no transcurso de apenas dois séculos.

Pobreza: O consumo crescente de recursos naturais não está associado a uma divisão equitativa, gerando grande desigualdade. Quase a metade do mundo luta por sua sobrevivência cotidiana.

Esta desigualdade está produzindo conflitos armados e grandes deslocamentos de populações das zonas rurais para centros urbanos.²²

Nesse contexto fica evidente que a problemática ambiental está relacionada em vários campos, localizando-se na própria cultura, no imaginário social, nos valores e na organização política e econômica global.

Portanto, concordamos com Morin quando afirma que "os componentes que constituem um todo (como o econômico, o político, o sociológico, o afetivo, o mitológico) são inseparáveis"²³

De fato os esses componentes estão interligados.

Do ponto de vista econômico existe uma meta-rede global de interações tecnológicas e humanas complexas, que envolve múltiplos anéis e elos de realimentação que operam longe do equilíbrio e produzem uma variedade infinita de fenômenos emergentes.²⁴

Acredito que um dos elos que se precisa aprofundar na reflexão sobre a problemática ambiental atual é exatamente o componente mitológico: o crescimento sem fim nada mais é do que a metáfora da imortalidade. Há que se prestar atenção para os limites que são estabelecidos pela própria vida natural. A ausência do senso de limite tem provocado um mal-estar inconsciente na humanidade.

²² LUZZI, Daniel. Educação Ambiental: Pedagogia, Política e Sociedade. In: PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONE, Maria Cecília Focesi (editores). *Educação ambiental e sustentabilidade*. Barueri, São Paulo: Manole, 2005, p.398

²³ MORIN. Edgar. *A cabeça bem feita*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p.14

²⁴ CAPRA, Fritjof. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix, 2005

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O impacto sobre a natureza é resultado principalmente, de dois fatores que em conjunto constroem as bases ideológicas da sociedade atual. O primeiro fator é a visão da capacidade infinita do progresso e inovação tecnológica, que permite sem limites, a transformação da natureza em bens e serviços. O outro é o atual padrão de consumo da população que produz desigualdade social e no aumento da pobreza como consequência.

Estes dois fatores são os principais responsáveis pela ideologia do crescimento ilimitado, sem considerar os impactos socioambientais. Serão necessários muitos anos para que novos princípios sejam formulados.

Para a formulação de novos princípios balizadores da ação humana, faz-se necessário um retorno ao passado, para quem sabe, encontrar alguma luz no fim do túnel que ajude a nortear o futuro da relação da humanidade com a natureza.

A busca do equilíbrio ambiental pode estar na própria pisque coletiva e na atualidade do mito que apresenta de uma maneira lúdica as consequências de uma escolha nefasta ao mesmo tempo que impõe uma ética voltada a Por fim recomenda-se a continuidade deste tipo de estudo pela contribuição para que o homem se conheça, amadureça seu compromisso social e quiçá, encontre o remédio para a restauração das suas raízes mais profundas. O diferencial deste artigo está na provocação de que a busca do equilíbrio ambiental pode estar na própria pisque coletiva e na atualidade do mito.

REFERENCIAS DAS FONTES CITADAS

BRASIL. Conselho Nacional do Meio Ambiente. Resolução n.001, de 23 de janeiro de 1986. Estabelece as definições, as responsabilidades, os critérios básicos e as diretrizes gerais para uso e implementação da Avaliação de Impacto Ambiental como um dos instrumentos da Política Nacional do Meio Ambiente.

BUARQUE, Cristovam. **A desordem do progresso: o fim da era dos economistas e a construção do futuro.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** São Paulo: Cultrix, 2005

KLUG, Jaidette Farias. A contribuição da mitologia para a compreensão dos limites do desenvolvimento humano e o combate à pobreza. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.7, n.3, 3º quadrimestre de 2012. Disponível em: www.univali.br/direitoepolitica - ISSN 1980-7791

CHAUÍ, Marilena. O que é ideologia. **Coleção primeiros passos, nº.13. 4ª Reimpressão. 2ª Edição Revista e Ampliada.** Tatuapé/SP: Brasiliense, 2004.

LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. Editora Ática, 1991, p.98

LUZZI, Daniel. **Educação Ambiental: Pedagogia, Política e Sociedade.** In: PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONE, Maria Cecília Focesi (editores). Educação ambiental e sustentabilidade. Barueri, São Paulo: Manole, 2005

MORIN. Edgar. **A cabeça bem feita.** 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002

PNUMA. **Rumo à economia verde: caminhos para o desenvolvimento sustentável e erradicação da pobreza.** PNUMA, 2011.

SANTOS, BS. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência.** São Paulo: Cortez. 2000.

TOURRAINE. **A crítica da modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1995.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Educação ambiental: natureza, razão e história.** Campinas: São Paulo. Autores Associados, 2004 (Coleção educação contemporânea)

ZOJA, Luigi. **História da arrogância: psicologia e limites do desenvolvimento humano.** São Paulo: Axis Mundi, 2000.